



Data: 31.08.2013

Título: ANTÓNIO SAMPAIO DA NÓVOA

Pub: **Expresso** REVISTA


clipping
consultores

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 3;34;35;36;37;38;39;

sumário

34

ALMOÇO COM O EXPRESSO
ANTÓNIO SAMPAIO DA NÓVOA,
EX-REITOR DA UNIVERSIDADE
DE LISBOA, É O ENTREVISTADO
DE CLARA FERREIRA ALVES

Área: 2764cm² / 23%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 4607016



Data: 31.08.2013

Titulo: ANTÓNIO SAMPAIO DA NÓVOA

Pub: **Expresso** REVISTA

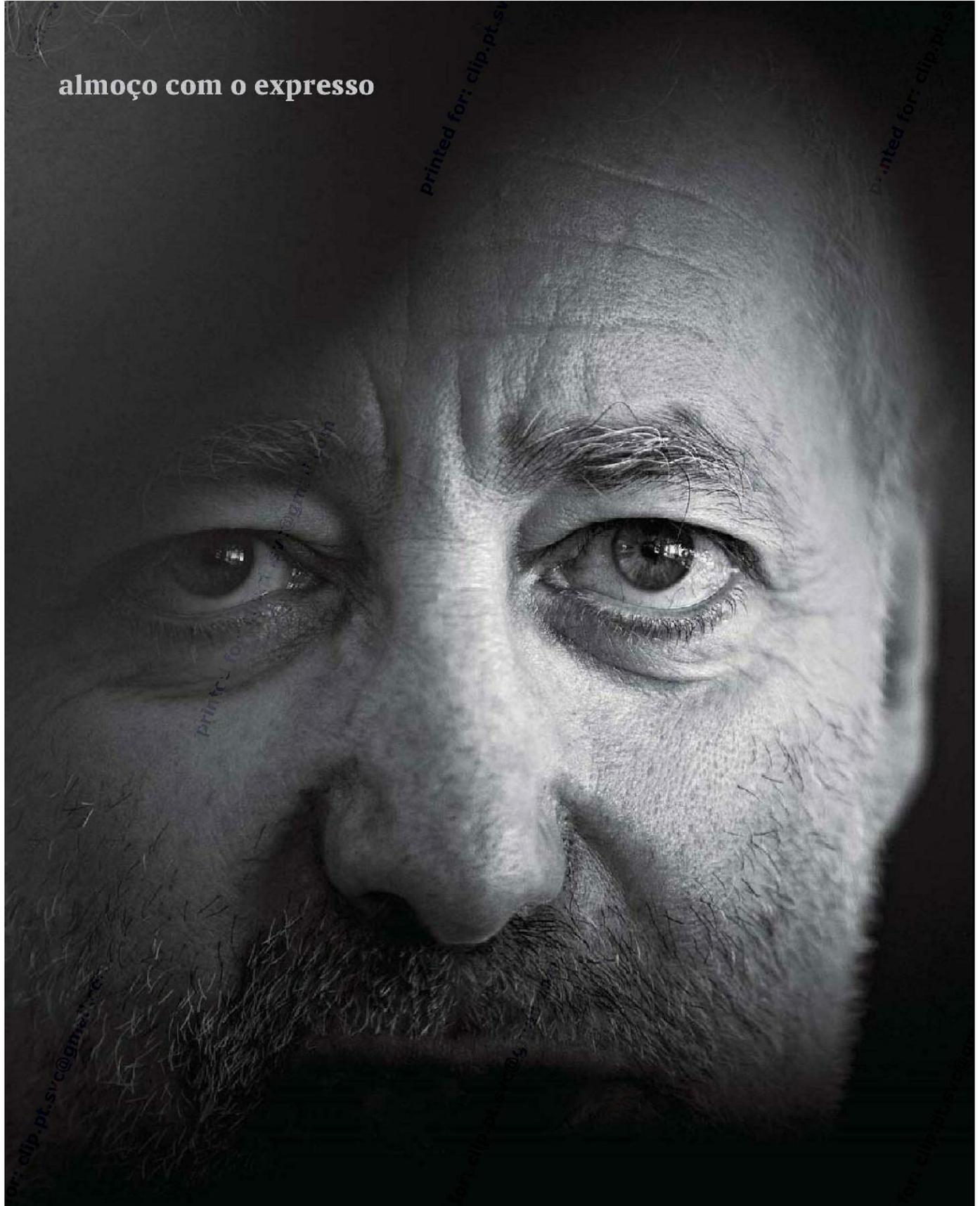

clipping
consultores

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 3;34;35;36;37;38;39;

almoço com o expresso



Área: 2764cm² / 23%

Tiragem: 123.400
FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 4607016



Data: 31.08.2013

Título: ANTÓNIO SAMPAIO DA NÓVOA

Pub: **Expresso** REVISTA


clipping
consultores

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 3;34;35;36;37;38;39;

ANTÓNIO SAMPAIO DA NÓVOA

“Não temos licenciados a mais, essa é a conversa mais medíocre desde o século XIX”

POR CLARA FERREIRA ALVES

Doutorado em Ciências da Educação e em História, António Sampaio da Nóvoa foi reitor da Universidade de Lisboa durante sete anos, período em que se deu a fusão da Clássica com a Técnica. Nos últimos anos tem feito fortes intervenções públicas e fala-se dele como possível candidato à Presidência da República. FOTOGRAFIAS DE RUI OCHÓA

Área: 2764cm² / 23%

FOTO Tiragem: 123.400

Cores: 4 Cores

ID: 4607016



A

António Sampaio da Nóvoa, doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Genebra e doutor em História pela Sorbonne, foi reitor da Universidade de Lisboa (UL) durante sete anos. Desse labor resultou a fusão da Clássica com a Técnica, a sua medalha de honra. Nos últimos tempos fez fortes e aplaudidas intervenções públicas contra o que define ser a austeridade como ideologia e não como rigor orçamental. Algumas das propostas desta conversa são, além de inteligentes e sensatas, quase revolucionárias, porque vão contra a corrente dominante do pensamento burocrático. Deixou a UL sem um tostão de dívida, com convites dos Estados Unidos e do Brasil, mas em Portugal há quem o queira ver Presidente da República. Não houve almoço: vinha de um almoço de despedida que lhe ofereceram na Aula Magna. Escolheu a cantina da universidade como lugar. Odeia a inépcia e a burocracia acima de tudo, odeia o queixume.

Fartou-se de fazer coisas. E agora?

Há uma história, acho que do Paul Valéry, em que se conta sobre um homem que tirou à sorte todas as decisões que teve de tomar na vida. E não se deu pior do que todos os outros. Posso escolher entre dois convites interessantes, um dos Estados Unidos e outro do Brasil. Um para orientar um programa de doutoramento internacional, no Illinois, e um para o Ministério da Educação brasileiro. Fazer uma avaliação dos últimos programas de modernização das universidades. Uma das minhas qualidades ou defeitos é ser capaz de fazer qualquer coisa com o lugar onde estou.

Esteve politicamente visível, tomou uma série de posições públicas contra a política de austeridade. Esteve em reuniões da área do PS. É o início de uma carreira política? Incompatível com uma ausência.

A minha ausência não é uma partida. Preciso de fazer um intervalo e não de me ir embora. **Há quem o veja como um ótimo candidato à Presidência da República. Em Portugal, a**

sorte dos candidatos não arregimentados pelos partidos costuma ser ingrata. O presumível candidato tem de ter uma vocação política.

As pessoas têm de assumir as decisões porque pensam que são boas. Se me tivesse perguntado isto há dois anos, antes desta crise toda, ter-lhe-ia dito liminarmente que não. Nesta fase da vida do país não podemos dizer que não.

O que é que mudou e o faz intervir? Sobre tudo na sua área, a Educação.

Tive uma intervenção pública, grande, em 2007, na crítica às políticas do governo Sócrates na altura, que na área da Educação e do ponto de vista da austeridade não eram muito diferentes destas. José Sócrates reconheceu, no fim, que as universidades tinham sido as instituições mais "apertadas" de todas no seu mandato. Essa intervenção que tive foi dirigida mais para

dentro, para o sistema universitário. O que mudou foi a minha perceção de que não há nenhum problema da universidade que se resolva dentro da universidade. Tenho uma memória de elefante, e entre 2006 e 2010 não havia uma opinião positiva sobre universidades na sociedade portuguesa. Era o massacre, imobilistas, corporativas, tradicionalistas, despesistas... Nos anos seguintes só se fala pela positiva da universidade. Nem a universidade portuguesa era tão má assim nem é assim tão boa hoje. Deixámos de falar para dentro. Contribuí para isso ao ajudar a fazer a universidade com c, Univercidade. A universidade era da cidade. Pusemos o campus cheio da palavra. E agora o nosso mote é: Uma universidade... de Lisboa para o mundo. É a partir de Lisboa, da língua, da sociedade, que se projeta uma internacionalização.

As nossas universidades ainda não são um polo de atração. Nem de captação de estudantes estrangeiros de outra língua.

A UL, e em particular esta nova universidade da fusão da Clássica e da Técnica, tem uma grande capacidade de atração de estudantes Erasmus. Somos dos que mais atraem os Erasmus, com a exceção da Catalunha, que é imbatível. Barcelona tem tudo.

Lisboa podia ter, mas não tem...

Podia. Estamos a começar. Mas não temos capacidade de atração do estudante estrangeiro tradicional. E é porque também não queremos. Temos uma legislação que nos obriga a cobrar propinas de mil euros por ano a um estudante que custa cinco mil. Cada estudante estrangeiro que atraio paga isso, e um agricultor de Trás-os-Montes está a pagar os outros quatro mil. Nenhum governo altera isto.

E com os cortes nos salários, os professores estrangeiros bons também não vêm. A universidade não é cosmopolita.

Não. Mas a nossa internacionalização ao contrário, de Lisboa para fora, tem sido significativa. Na China, é impressionante. E já cá temos uns 150 ou 200 estudantes chineses. Tudo isto tem de ser feito com relações bilaterais.

E o que faria para mudar esse estado de coisas? Cobrar mais aos estudantes estrangeiros, prestigiar os mestrados encarecendo-os? Desde logo, criar o estatuto do estudante estrangeiro. Que pagassem, pelo menos, o custo da sua formação.

Concorda com a propina universal?

Acho que é a mais sensata na fase em que estamos. Não estou de acordo mas, na crise, tudo o que vier é pior. Acho que a propina deve ser

"HÁ DOIS ANOS TER-LHE-IA DITO QUE NÃO [A UMA EVENTUAL CANDIDATURA À PRESIDÊNCIA]. NESTA FASE DA VIDA DO PAÍS NÃO PODEMOS DIZER QUE NÃO"

PRAGMÁTICO SOBRE BOLONHA, DIZ: "ESTÁ QUASE TUDO CERTO NOS DOCUMENTOS E QUASE TUDO ERRADO NA PRÁTICA"



Data: 31.08.2013

Título: ANTÓNIO SAMPAIO DA NÓVOA

Pub: **Expresso** REVISTA

clipping
consultores

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 3;34;35;36;37;38;39;



universal para o primeiro ciclo, os três anos de Bolonha. Para os mestrados, já é diferenciada. E o mestrado é formação essencial. Portugal é dos países com a propina mais elevada na Europa e é dos países em que a percentagem do orçamento das universidades pelas propinas é maior. Na UL, 25% do orçamento é financiado pelas propinas. A contribuição dos estudantes já é significativa.

Os mestrados, em áreas muito competitivas do mercado de trabalho, são caríssimos. Esses mestrados de ricos significam a formação de uma casta, pelo preço que custam. O que quer dizer que alunos com fraca capacidade económica são arredados do mercado. Bolonha acabou nisto. Em Portugal, não há bolsas que compensem isto.

Bolonha é um processo em que está quase tudo certo nos documentos e quase tudo errado na prática. É como os documentos da União Europeia, todos tendemos a concordar mas quando a política se concretiza percebe-se o absurdo. Na UL, pagando o custo político disso, tenho defendido a manutenção do atual regime de propinas, com a pequena atualização anual, para criar uma margem orçamental que me permita apoiar os mestrados e propinas de mestrados. A maioria dos mestrados tem o mesmo valor de propinas que a licenciatura. Não vão além dos 1200 euros. Mantemos isso até onde pode-

mos, porque determinadas formações não o permitem. É uma ginástica.

E a captação de recursos? As universidades americanas têm doações avultadas de antigos alunos, associações de alumni, têm cátedras pagas, etc. Em 40 anos de democracia, os milionários portugueses nunca deram um tostão para a universidade. Não há uma sala, um refeitório, uma cátedra, com o nome de um benfeitor. A que se deve tal egotismo?

Não se explica. Tentei tudo e gastei milhares de horas da minha vida a tentar. Consegui um senhor extraordinário, sem educação académica, Amadeu Dias, que faleceu este ano, e que tinha imobiliário. Passou a dar 140 mil euros por ano à universidade. Se eu tivesse 100 Amadeu Dias... O egotismo é um problema cultural de fundo. E europeu. A Espanha é igual. O problema da divisão católica, da linha entre protestantes e católicos. Uma divisão que encontramos na alfabetização, na escola, etc. Mas encontrei no sistema das universidades americanas, no fundraising, grupos de pessoas que trabalham só nisto. Estive numa universidade americana em que em dois anos tinham de encontrar 2 mil milhões de dólares. Envolve coisas de que não gosto. Assisti a uma máquina de dezenas de pessoas que sabiam tudo da vida dos antigos estudantes e que estavam preparados para os "atacar" no momento certo. Se um pai morria, se havia um di-

vórcio... Abutres. Quando comecei a estudar estes assuntos, a primeira pessoa com quem falei foi a reitora de Cambridge, a universidade que consegue mais, mas ela confessou-me que 70% do dinheiro que arranjam é de estudantes que vivem nos Estados Unidos.

O ethos americano. A elite portuguesa defende a retirada do Estado dos grandes serviços, mas não dá um tostão para que deixe de ser o Estado a pagar.

Estamos numa fase em que as coisas me enjoam e depois basta trocar duas letras e passa a enojam. Sou um discípulo do António Sérgio, e essa foi a grande guerra dele, a formação das elites. Uma vez estive horas e horas com uma grande empresa a tentar falar para obter um apoio para os nossos museus, que estavam a ter uma atividade fantástica, e a pessoa fechou-me as portas todas, não tinha dinheiro. Aquele discurso em que quase lhe dava algum dinheiro a ele. Esqueci-me lá do telemóvel e tive de voltar passados minutos. O senhor tinha esquecido esta conversa e estava com uma enorme maquete a ver um grande museu que vão fazer e que custa milhões de euros. Cada um quer fazer o seu brinquedo.

Não se consegue fazer uma pedagogia? Uma mobilização? A fusão das universidades foi o seu pet project.

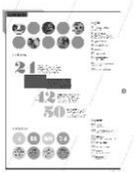
A mobilização em torno de um grande projeto

Área: 2764cm² / 23%

Tiragem: 123.400

FOTO: 4 Cores

ID: 4607016



Data: 31.08.2013

Título: ANTÓNIO SAMPAIO DA NÓVOA

Pub: **Expresso** REVISTA

clipping
consultores

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 3;34;35;36;37;38;39;

é possível, e a fusão da Clássica com a Técnica demonstrou isso. Estava na minha cabeça desde que tomei posse e achei que era impossível. Foi preciso criar condições. Foi um regresso à universidade republicana, que quando é refundada em 1911 é-o com o conjunto dos saberes. E depois dividida, absurdamente, em Clássica e Técnica. Foi o Marcello Caetano, quando foi reitor, que inventou o nome de Clássica. Ele bateu-se contra Coimbra pela antiguidade da universidade, e na realidade, quando se diz que a universidade de Coimbra foi criada em 1290, foi, mas em Lisboa. Esteve cá três séculos. A divisão era uma amputação de saberes, porque nenhuma grande universidade pode não ter Economia, Engenharia, caso da Clássica, ou Medicina e Direito, caso da Técnica. O projeto foi ganhando sentido e mobilizando as pessoas para saírem dos seus nichos. Das corporaçõezinhas. O medo que uma universidade fosse ultrapassada pela outra. Vencemos isso e num momento de grande aperto, quando perdemos 50% do nosso orçamento.

Tem dívidas?

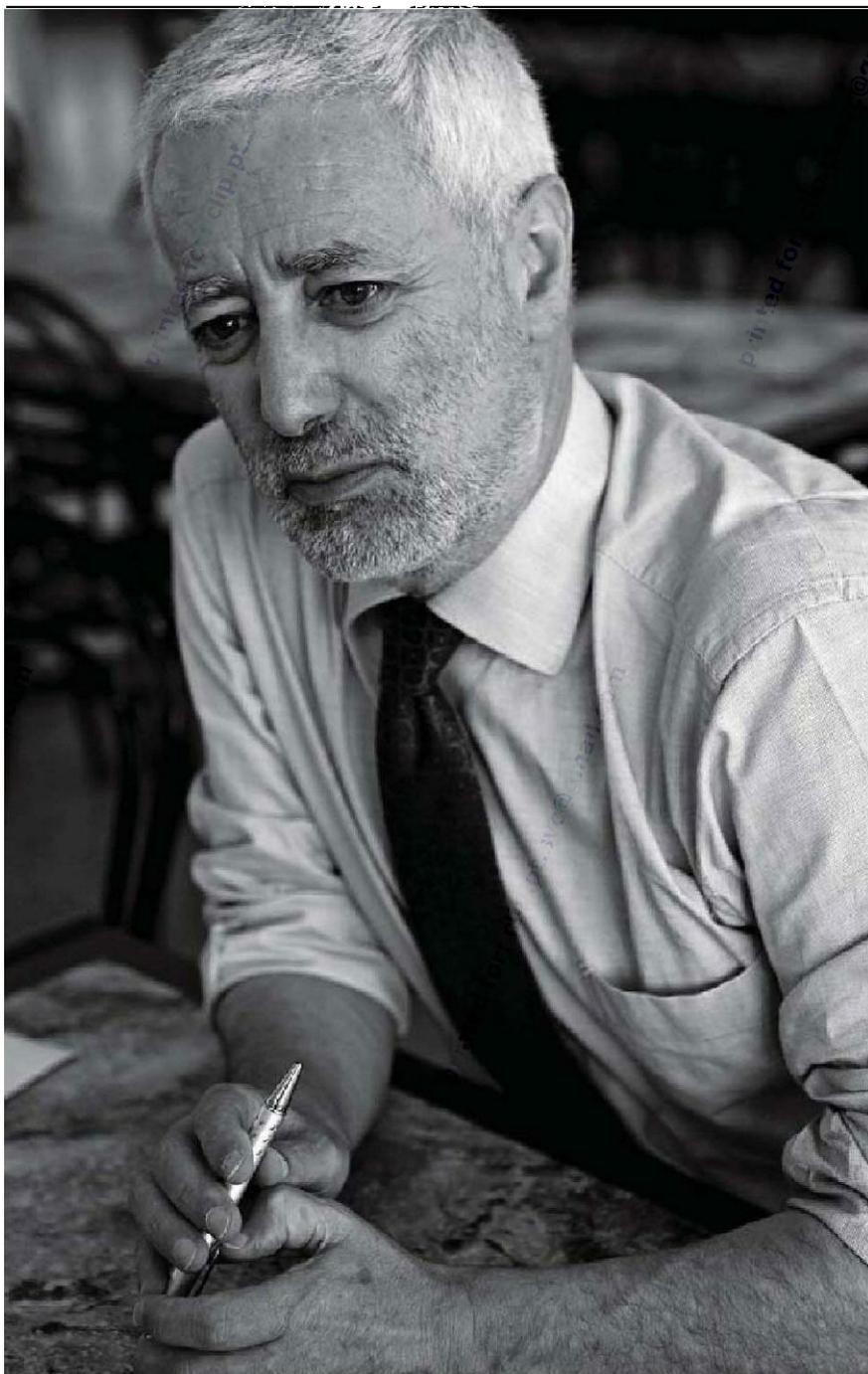
A universidade não tem uma dívida, e tem mesmo 40 milhões de euros de saldo. Não sendo economistas nem gestores, sabemos mais de economia e gestão do que muitos profissionais.

São ouvidos pelo governo central?

Não. Nem pela sociedade. Olham para as universidades com certa indiferença e não como um centro de saberes e de cultura, de produção da vida. As universidades são muita coisa, incubadoras de empresas, centros de ciência, tecnologia, investigação, lugares da vida social... Quando pensamos que Lisboa tem 550 mil habitantes e que em Lisboa estudam 150 mil estudantes do ensino superior, é um terço da população. Isto implica a habitação, os transportes, o estilo de vida da cidade. E a cidade nos dois últimos anos percebeu isto.

Repito: que professores podem atrair se não pagam bons salários?

Uma cidade que tenha boas condições, escolas, creches, transportes, habitação, estrutura de Saúde, é essencial para atrair professores estrangeiros. São as perguntas que fazem. Conseguimos atrair investigadores estrangeiros de todas as áreas, embora os motores sejam as áreas da Saúde, das Biomedicinas, das Tecnologias. Mas atraímos na área de Humanidades. Professores, tem sido mais difícil. Há uma faixa etária de professores, em pré-reforma, que veem com bons olhos concluir os últimos quatro ou cinco anos de vida profissional em cidades como Lis-



boa. Se Lisboa deixasse de ser uma cidade segura, por razões de pobreza, seria catastrófico. E essas pessoas trazem redes, 10, 15, 20 jovens investigadores e doutorandos, essenciais para a renovação da universidade. E temos uma espécie de pacote, que é possível dar aos professores, dinheiro de investigação, apoio de secretariado, boas condições de investigação, gabinetes, que podem compensar a falta de salários competitivos. Que não tem e não virá a ter. A carreira universitária tem muito desinteresse, desprendimento. Quem quer ganhar dinheiro

não vem para aqui, vai para conselhos de administração. No Brasil, é-me indiferente o que me pagam. O que quero é boas condições de trabalho, equipa. Quando estive na Columbia, em Nova Iorque, perguntei quantos assistentes de investigação me davam, foi o que negocieei.

E como é que exportam a UL para a China, o Brasil? A UL rivaliza com as boas universidades brasileiras.

A UL vai ter um papel central nos países lusófonos. Temos muitas colaborações com o Brasil, que está a fazer investimentos brutais nas uni-

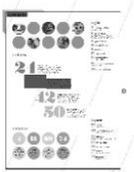
Área: 2764cm² / 23%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 4607016



EMPREITADA "A UNIVERSIDADE TEM 40 MILHÕES DE EUROS DE SALDO. NÃO SENDO ECONOMISTAS NEM GESTORES, SABEMOS MAIS DE ECONOMIA E GESTÃO DO QUE MUITOS PROFISSIONAIS"

versidades. Claro que as boas universidades brasileiras, públicas todas, rivalizam connosco, mas a capacidade de oferta delas é 20% dos candidatos. 80% ficam de fora. Está criado o mercado imenso de universidades privadas de fraco nível. E é melhor para eles colaborarem com as universidades portuguesas, sobretudo em cursos de mestrado e doutoramento.

O Governo brasileiro deixou de financiar certas bolsas em Portugal. Disse aos alunos para irem para um país onde não se fale português.

Intolerável e inexplicável. É o pior que nos aconteceu nos últimos anos nas relações com o Brasil. E um sinal de que há uma elite brasileira que está a olhar para Portugal com enorme desconfiança. O gesto, vindo diretamente da Presidente Dilma Rousseff, chocou as elites universitárias brasileiras.

A nossa imagem não é das melhores. Um país pobre e falido. Indigente.

As nossas universidades públicas têm prestígio e capacidade instalada, mas temos uma classe média a resvalar para a pobreza e pobres a resvalar para a miséria.

E a China? Um país que está a investir em Portugal, um mercado gigante. Que atitude sente na sociedade chinesa?

Fui muitas vezes à China e fui recebido sempre ao mais alto nível, criámos aqui o Instituto Confúcio, uma porta de entrada, e temos convites sérios para instalar um campus da Universidade de Lisboa em cidades chinesas. Damos o know-how e eles pagam tudo. Estamos em condições de o fazer fortemente nos próximos anos. Foi um longo processo, comecei-o em 2007, quando fui ao Fórum dos Reitores das universidades chinesas, mas criaram-se relações muito boas de cooperação. Daqui a dois anos teremos um primeiro campus, que deve ser em Xangai. O segundo em Tianjin, uma cidade 'pequenina' com 10 milhões de habitantes, perto de Pequim e na direção da costa. Talvez seja a cidade mais ocidental da China, porque era um porto. Uma cidade apaixonante. O primeiro curso, por opção nossa, é sempre de língua portuguesa.

O interesse deles em aprender a língua é por causa do Brasil e de Angola.

É, mas têm mais interesse em colaborar connosco do que com outras instituições. A língua é a nossa porta de entrada, e depois as três grandes áreas são a Saúde, da Biomedicina, onde temos um grande potencial, a das Engenharias e Tecnologias, e as Ciências relacionadas com a Terra e o Ambiente, que são estratégicas para os

chineses. É clarinho como água. Mas também temos boas colaborações abertas com a universidade na Tailândia, graças ao embaixador. Os embaixadores são muito importantes. Tudo isto é novíssimo.

É a sua medalha de honra?

A fusão, e isto resulta da fusão. Temos hoje cursos transversais na UL, temos mesmo um curso de Estudos Gerais. É uma licenciatura de base que inclui formação em Ciências, Humanidades, Artes. Fui buscar o nome à universidade medieval. Corre muito bem, com alunos muito bons. É a minha guerra contra os S. "Spécialistes spécialment spécialisés". Especialistas especialmente especializados. Em 73, o ministro Veiga Simão já dizia que temos de preparar os alunos para terem pelo menos três ou quatro profissões ao longo da vida. E existem três palavras da moda que nunca uso: excelência, empreen-

dedorismo e empregabilidade. Palavras ocas. Quando viajo pelo interior do Brasil, alugo um carro e adoro viajar, vejo os anúncios das péssimas universidades privadas à entrada do vilarejo, e todos dizem Ensino de Excelência. A palavra empregabilidade é hiperperigosa, porque ou estamos a formar pessoas para a vida, e o emprego está dentro da vida, ou não.

Emprego é o que não há, nem aqui nem na Europa. Estamos a exportar os alunos que nos custaram 5 mil euros, 4 mil a mais do que a propina. Temos alunos a mais? Temos licenciados, doutores a mais? O ensino vocacional obrigatório faria sentido?

Esse é o maior crime, o desemprego. Não temos licenciados a mais, essa é a conversa mais medíocre da sociedade portuguesa desde o século XIX. Esse seria o ensino vocacional em sentido sociológico, como se a pessoa tivesse vocação para ser canalizador. Estamos a criar um mundo de desigualdade e exclusão. Era preciso parar o país todo, político, europeu, universitário, e dizer: vamos atacar em conjunto este problema. O do desemprego. Vamos ter de negociar condições na Europa, nos fundos comunitários, e pôr as universidades, as empresas, a administração pública a resolver este problema. Pôr uma população a trabalhar em indústrias novas, não nas indústrias velhas sem competitividade, produtividade, criação de riqueza.

O sonho da Europa de livre circulação no mercado de trabalho, do conhecimento, esboroou-se. A famosa Europa de Carlos Magno, que ninguém sabia o que queria dizer. Vão trabalhar para essa Europa os alunos que têm os mestrados de luxo.

O Torga disse o que pensava. A partir de agora, somos europeus de primeira, espanhóis de segunda e portugueses de terceira. As elites são as que viajam nesse mercado, como sempre fizeram. A única coisa que temos para salvar este país é o conhecimento, a cultura científica e tecnológica.

O desemprego jovem terá resultados sociais graves, porque a geração de ociosos e desempregados é perigosa. O fundamentalismo é muitas vezes o resultado do tédio e do desemprego. Da ociosidade forçada.

Ociosos e revoltados. Não vejo um esforço coletivo, nem em Portugal nem na Europa, para resolver isto. Se pusessem nas minhas mãos parte considerável dos fundos comunitários e me deixassem trabalhar com as empresas, com as universidades, com a administração local, resolvia o problema em três anos. E não é arrogância da



Área: 2764cm² / 23%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 4607016



Data: 31.08.2013

Título: ANTÓNIO SAMPAIO DA NÓVOA

Pub: **Expresso** REVISTA

clipping
consultores

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 3;34;35;36;37;38;39;

minha parte. Sem ser demasiado simplista, encontramos uma racionalidade no modo como se gastaram os fundos europeus. Os fundos vieram para Portugal, nos últimos 25 anos, para acentuar a nossa dependência em relação ao norte da Europa. Vieram fundos para subsídios à agricultura para os agricultores não trabalharem, fundos para dismantelar as indústrias, para acabar com a pesca e exploração do mar, vieram fundos para autoestradas que traziam mais fundos. Não deram fundos para o conhecimento, a tecnologia, e Portugal é contribuinte líquido para a UE em ciência, estamos a pagar a ciência que se faz na Alemanha e na Holanda, 25 anos depois. Tudo o que acentuasse a nossa capacidade criativa e tecnológica foi negado.

Um erro dos políticos.

Um erro colossal dos governantes. Todos. Incapacidade de perceber o país. E também a maneira como foram desenhados os programas europeus. É mais fácil pedir apoio para uma autoestrada do que para colocar jovens qualificados em 10 mil empresas.

Mais a corrupção. A universidade não tem corrupção. É dos poucos sítios limpos.

Em 40 anos de democracia não houve uma acusação de corrupção. Há um controlo interno na universidade que torna difícil a corrupção. E a UL tem um orçamento de 100 milhões de euros, a nova universidade vai ter um de 300 milhões. É muito dinheiro.

Parece que Portugal tem saída mas nunca tem.

Sabe que eu sou um minhoto, da família do Alberto Sampaio, vivi no Antero de Quental, e sou muito dependente intelectualmente dessa geração. Ora eles contam esta história, o Alberto Sampaio e depois o Pascoaes: somos um povo que se virou para fora. Nunca investiu no território, investiu na ausência e não na presença.

Estamos a largar a caravela, a dizer aos filhos que se pirem para o estrangeiro.

O nosso investimento na Europa é um investimento na ausência. A grande mudança cultural terá de ser essa. Investir na plataforma continental, no território. E criar conhecimento. Lembro-me de ler *ad nauseam* que os portugueses não eram feitos para o estudo, para a escola... que a ciência era uma coisa dos povos do norte.

Somos um povo autoderrotado, como os Vencidos da Vida viram.

Um suicídio festivo. O que sinto é que estávamos quase a dar a volta a essa espécie de fatalidade quando isto mudou. O Rui Vilar fez uma intervenção nesse sentido no doutoramento ho-

noris causa. E é por isso que estamos a sentir isto como uma grande injustiça. A crise como pretexto para nos fazer recuar 40 anos.

Pedir emprestado significa pagar o que pedimos emprestado. Não podemos dizer que não pagamos e exigir o dinheiro. Como parar a austeridade? Não tomando a austeridade como meta, uma estupidez, a crise é sistématica, europeia. Portugal não pode parar a austeridade sozinho.

Há uma grande confusão nesse debate. E como tive a intervenção naquela coisa de Libertar Portugal da Austeridade, quero esclarecer: uma coisa é a austeridade como ideologia e outra a austeridade como rigor orçamental e poupança. Esta austeridade, tem à sua frente a pessoa mais capaz de a entender. Levei um corte de 50% e aqui estou. E o meu salário levou um corte de 25%. No meu primeiro dia como reitor abdiquei

de todas as regalias do cargo, ajudas de custo, telemóveis, cartões de crédito, motorista. As pessoas estão disponíveis para perceber que não podem consumir 110% e produzir 100%. A austeridade transformou-se numa ideologia. Há 35 anos que vejo um intelectual escrever e falar na televisão contra a escola pública. Berrou na televisão que se não tínhamos dinheiro para a escola pública não a podíamos ter. E se tivéssemos? Ele seria a favor? Não seria. A ideologia da destruição do Estado social.

A austeridade como purga moral da nação. Não acha que começam a engolir as palavras? Na guerra de propaganda, a palavra austeridade é mal entendida. E os socialistas não deviam andar a dizer o que dizem, que vão parar com a austeridade. O que as pessoas ouvem é que vão ter mais dinheiro para gastar.

Já ouço por aí que Portugal está a melhorar muito. Mais dinheiro as pessoas não vão ter. Nunca utilizei a palavra crescimento, porque o crescimento das últimas décadas foi feito contra o Ambiente, foi artificial. A sociedade de consumo tal qual a conhecemos acabou. O consumismo frenético aproveitado por um capitalismo selvagem acabou. Novos modos de vida. Viver melhor com menos. Prosperidade sem crescimento, valorizando outras coisas.

Temos uma desigualdade brutal, os pobres mais pobres da Europa Ocidental.

Uma parte da população tem de ser protegida, coisas básicas. Mínimos para a dignidade das pessoas e do trabalho.

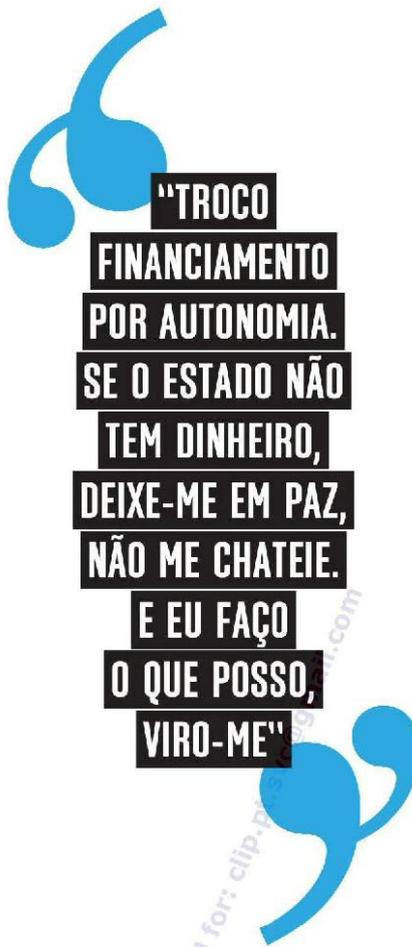
Os cortes na função pública, o despedimento, são metas europeias. A função pública como corpo parasitário do sistema.

Vou dizer uma coisa impopular. Os economistas não percebem nada de nada e nem de economia e usam uma linguagem que ninguém percebe. Maturidades, imparidades, swaps, eurobonds, outlooks negativos...

A novilingua é necessária ao controlo da propaganda. Excluir as pessoas desse controlo por uma seita de iluminados.

Qualquer pessoa percebe que se há dificuldades de orçamento tem de cortar. Dizer a uma pessoa que para superar a dificuldade vai para o desemprego e fica sem fazer nada todo o dia? Sair da crise parando as pessoas?

A função pública foi ampliada, até como diretiva europeia. Tal como as obras públicas. E os partidos recrutaram clientelas, engordaram o Estado. Como é que pode haver um professor com horário zero?



Área: 2764cm² / 23%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 4607016



Data: 31.08.2013

Título: ANTÓNIO SAMPAIO DA NÓVOA

Pub: **Expresso** REVISTA



Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 3;34;35;36;37;38;39;

Não pode, é absurdo. Ouvir-me-á sempre dizer que é preciso pôr as pessoas a trabalhar. Se olhar para os professores, sujeitos a uma guerra absurda nos últimos anos, de que eles são também responsáveis, julgo que há uma enorme insensatez no processo. Julgo que os professores estão disponíveis para serem capazes de trabalhar com menos, com sacrifícios, se houver uma contrapartida, que o seu trabalho pedagógico faça sentido. Autonomia, reforço profissional, etc. Abdicarem de certas coisas em nome de burocracia, despedimentos sem sentido, lógicas de colocação que ninguém entende, claro que não estão disponíveis.

Temos professores a mais?

Estatisticamente, não temos. No ensino superior temos muito menos do que está na lei. E vão matar-me por isto, mas eu continuei a contratar na UL. Abri dezenas de concursos. E não estou a gastar um tostão a mais do que tenho nem a ser despesista. Porque há muitas aposen-

tações de pessoas com salários mais elevados. No pessoal não docente, consegui renovar a UL, porque hoje a faixa é entre os 30 e os 35 anos.

E o pessoal docente?

Superior a 50 anos, absurdo. Não pode ser nunca superior a 40 anos. E digo o que disse, e não é popular: troco financiamento por autonomia. Se o Estado não tem dinheiro, deixe-me em paz, não me aborreça, não me chateie. E eu faço o que posso, vou à China, viro-me. Um reitor de uma universidade chinesa, importante, depois de criar alguma intimidade comigo, chegou ao pé de mim para uma "palavra em particular", sem tradutores. Fomos para um privado. Ele queria fazer uma pergunta: "Já fui a Portugal, colaboro com universidades portuguesas, mas não percebo porque é que não querem estudantes chineses. Pode explicar?" Fiquei parado. Respondi que era bom, que queríamos estudantes chineses. Ele disse que eu não estava a perceber, porque quando enviavam estudantes era

para a Austrália ou para os EUA, a mais de 30 mil dólares por ano, e quando os enviavam para Portugal sentiam que nós é que pagávamos para eles virem para cá estudar. Qual o nosso interesse?

Há anos que se fala de autonomia das escolas. Nunca acontece. Porquê?

Salazarismo, salazarismo, salazarismo. E assim a máquina das Finanças neste país, quanto mais se controlar melhor. O Barata Moura tinha uma expressão com graça, a "flora intestinal das Finanças".

Mais vale privatizarem-se, escapando ao controlo da assinatura do ministro e à obrigação de despejar o dinheiro arranjado pela universidade nos cofres das Finanças.

Se continuar assim, esse raciocínio terá de ser posto em cima da mesa. Embora seja contrário a tudo o que acredito sobre a dimensão pública da Educação. ●

revista@expresso.impresa.pt

Área: 2764cm² / 23%

Tiragem: 123.400 FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 4607016